

## FUTEBOL E GEOGRAFIA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS<sup>1</sup>

Lucas Batista Barcelos<sup>2</sup>

### RESUMO:

Tendo em vista seu caráter sociocultural, para além do esportivo, o futebol é uma instituição social que se desenvolveu historicamente por meio da formação de identidades culturais, mercados consumidores e gestos diplomáticos. No Brasil, o “esporte das multidões” é considerado um grande fator da construção da identidade nacional. Levando em conta esses fatores que fazem do futebol um complexo fenômeno inserido na sociedade global, o presente trabalho implementa uma discussão a respeito da maneira na qual a Geografia atribui algumas possibilidades teóricas para discutir o futebol enquanto objeto de estudos. Nesse sentido, foi proposto um esboço a respeito das espacialidades capazes de serem dispostas pelo futebol e pelos esportes. Logo após, delimitou-se o futebol dentro de um panorama espaço-temporal atrelado ao modo de produção capitalista. A partir daí, discutiu-se o papel da escala geográfica de acordo com a inserção do futebol no espaço global e, por último, foi destacada a forma em que o futebol se encontrou associado aos sistemas técnicos e ao processo de mecanização do território brasileiro.

**Palavras-chave:** futebol, espaço, tempo, capitalismo, esporte.

### RESUMEN:

Dado su carácter sociocultural, además del deporte, el fútbol es una institución social que históricamente se ha desarrollado a través de la formación de identidades culturales, mercados de consumo y gestos diplomáticos. En Brasil, el “deporte de las multitudes” se considera un factor importante en la construcción de la identidad nacional. Teniendo en cuenta estos factores que hacen del fútbol un fenómeno complejo inserto en la sociedad global, este trabajo implementa una discusión sobre la forma en que la Geografía atribuye algunas posibilidades teóricas para discutir el fútbol como objeto de estudio. En este sentido, se propuso un esquema respecto de las espacialidades susceptibles de ordenarse por el fútbol y el deporte. Poco después, el fútbol se definió dentro de un panorama espacio-temporal vinculado al modo de producción capitalista. A partir de allí, se discutió el papel de la escala geográfica según la inserción del fútbol en el espacio global y, finalmente, se destacó la forma en que el fútbol se asoció a los sistemas técnicos y al proceso de mecanización del territorio brasileño.

**Palabras clave:** fútbol, espacio, tiempo, capitalismo, deporte.

---

<sup>1</sup> Agradeço por aqui o apoio do PROEX-POSGEO-UFF/PROEX/CAPES, no que tange ao auxílio financeiro recebido para a participação e apresentação de trabalho no XV ENANPEGE 2023.

<sup>2</sup> Mestrando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (POSGEO/UFF Niterói) e professor da Secretaria Municipal de Educação de Rio das Ostras (SEMEDE-RO). Email: lucas\_barcellos@hotmail.com



## **INTRODUÇÃO**

Para além do jogo em si, o futebol é capaz de ser estudado enquanto manifestação cultural devido às identidades culturais dos torcedores, mercados consumidores e significados que refletem as sociedades que o possuem enquanto esporte de massa, como no caso do Brasil (HELAL, 1997; DAMATTA, 1982; GIULIANOTTI, 2000). A Geografia, por sua vez, abarca estudos sobre o futebol de maneira menos intensa do que áreas correlatas. Gilmar Mascarenhas (2001) é considerado o pioneiro dessa incursão, com sua tese que aborda os princípios do futebol no Rio Grande do Sul a partir do entendimento das difusões espaciais, da temporalidade inserida no espaço e da dinâmica das redes.

Dessa maneira, o presente trabalho possui enquanto objetivos: esboçar a maneira que o futebol e os esportes o detêm suas espacialidades; delimitar o futebol numa perspectiva espaço-temporal atrelada ao modo de produção capitalista; discutir o papel da escala geográfica a respeito da maneira que o futebol se insere espacialmente e destacar a forma em que o futebol se encontra nos sistemas técnicos.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para estabelecer um ponto de vista teórico sobre o futebol constou numa ampla revisão bibliográfica, que implicou em discutir o futebol enquanto manifestação sociocultural de maneira empírica, indo de encontro a algumas discussões teóricas da Geografia.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1- Futebol, esporte, cultura e espaço**

Para compreender o futebol enquanto manifestação cultural é necessário observá-lo dentro da esfera esportiva em geral e na maneira que os esportes podem ser encarados pela

faceta simbólica. Nesse sentido, podemos dar sentido a isso por meio do entendimento de que o futebol (para além do jogo em si) envolve questões ligadas à identidade nacional e local, à coesão de classe trabalhadora e com a aderência dos setores de massa – o que lhe dá a característica de esporte popular.

Em relação aos fatores que permeiam uma dada realidade social, Santos (2017, p. 23) afirma que a cultura “diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação”. Por essa via, podemos conceber o futebol como manifestação cultural se considerarmos a amplitude desse esporte em meio ao tecido social brasileiro, incorporado de maneira enraizada e intrínseca, no que diz respeito à integração da nossa sociedade promovida pelo esporte das multidões (HELAL, 1997).

Acerca do sentido moderno e das reflexões sobre cultura, Santos (2017) contextualiza o século XIX enquanto a época que o conceito recebera determinada preocupação analítica. Em tal período, as nações imperialistas da Europa se encontravam em rota de expansão de seus mercados, fazendo com que estas propusessem contato com as populações dos continentes periféricos de maneira na qual a influência cultural/civilizacional europeia pairasse sobre estas. Não coincidentemente, podemos enfatizar a difusão do futebol dentro desse processo, por meio dos ingleses e entremeado às atividades econômicas da Inglaterra na periferia mundial. Para além do capital produtivo exportado, consideramos o futebol enquanto produto simbólico difundido pelos ingleses durante o imperialismo do século XIX.

A respeito da expressão da cultura na sociedade de classes, Santos (2017) assinala a divisão desta em “cultura erudita” (sendo esta um conjunto de conhecimentos adquiridos pela classe dominante) e “cultura popular”<sup>3</sup> (manifestações culturais exercidas pela maioria da população). Desse modo, podemos enquadrar o futebol na segunda categoria, tendo em vista o seu caráter corriqueiro no cotidiano nacional atrelado às camadas populares brasileiras, o que para DaMatta (1982) abre lacunas para considerá-lo enquanto “ópio do povo”, sendo essa designação referente ao caráter anestésico do futebol em relação à emancipação das massas populares brasileiras perante aos problemas estruturais.

Observando a temporalidade da difusão do futebol no território brasileiro, entende-se a sua ligação umbilical com as atividades econômicas inglesas nos grandes centros brasileiros durante o final do século XIX. Isso nos apresenta o seguinte panorama: embora sejam discutidos de maneira isolada, cultura e economia se coadunam.

---

<sup>3</sup> Considerando a popularização do futebol no Brasil dentre os círculos operários no início do século XX, e a dimensão do futebol enquanto esporte nacional, podemos remeter ao raciocínio do autor no tocante ao que ele assinala como “cultura de classe” e “cultura nacional” (p. 64;72).

Sodré (2003) apresenta uma perspectiva temporal a respeito da cultura no Brasil de acordo com as atividades econômicas no país exercidas no prisma da subordinação, com primórdios no período colonial até a inserção do país no capitalismo tardio. De tal maneira, o autor ressalta o transplante cultural durante o Brasil Colônia de acordo com os empreendimentos ultramarinos, sendo a educação eclesiástica a principal atividade cultural utilizada para legitimar o processo da ocupação portuguesa.

Pires do Rio (2003) ressalta que ambas dimensões possuem dependência e interligação, o que nos permite avistar as categorias do simbólico e do material presentes no espaço geográfico. Além disso, a autora propõe reflexões que tendem a superar determinada polarização entre os dois campos. Isso nos oferece, portanto, um maior sustentáculo para observarmos a maneira que o futebol se inseriu como atividade cultural/esportiva durante a sua difusão no século XIX em meio à exportação do capital britânico no Brasil.

A respeito dos esportes em si se manifestarem no espaço geográfico aos moldes de atividades culturais, Mascarenhas (1999a; 1999b) apontara um considerável horizonte epistemológico para a investigação dos esportes na Geografia. Em que pesasse uma determinada falta de atenção por parte da comunidade geográfica pela temática, tal estudo opera enquanto uma via da Geografia Cultural. Dentro desse terreno, é possível compreender a maneira na qual os esportes se difundem pelo espaço geográfico no que diz respeito ao seu potencial mercadológico, de acordo com o que Corrêa e Rosendahl (2003) apontam enquanto o consumo de bens e serviços simbólicos, sendo parte da produção econômica contemporânea no mundo globalizado.

Conforme discutido anteriormente, a difusão do futebol no território brasileiro durante o século XIX obedeceu a uma determinada lógica econômica e produtiva, sendo atrelada ao período da inserção do capitalismo industrial e financeiro no Brasil capitaneado pela Inglaterra. Dessa maneira, Mascarenhas (1999a, p.1) atesta os esportes enquanto elemento substancial do mundo moderno, sendo considerados “um produto da sociedade industrial”, tendo como base a prática esportiva nas escolas públicas inglesas nesse período e a difusão dos ditos esportes modernos na esteira das transações comerciais britânicas. Cabe, também, segundo o autor enfatizar o caráter coletivista da prática esportiva enquanto reflexo do mundo do trabalho da Revolução Industrial.

Por sua vez, Gaffney (2014) assegura que os esportes são essencialmente geográficos por si só e detém caráter espaço-temporal de maneira particular, se considerarmos as arenas das antigas civilizações (Romana, Bizantina, Grega etc) transformadas em patrimônios arquitetônicos e a difusão dos esportes em meio à expansão imperialista do século XIX e XX.

Nesse sentido, o autor propõe uma série de questionamentos para a execução dos estudos geográficos sobre os esportes por meio de conceitos e categorias como “localização”, “interação humano-ambiente”, “lugar” e “região”, a fim de que, respectivamente, exerça-se a compreensão de questões como: a localização de praças esportivas; a influência dos esportes na paisagem e no meio ambiente; a construção de identidades locais e da formação de memórias em estádios de futebol; o entendimento das razões da prática esportiva de determinados esportes enraizados em continentes particulares e de fatores políticos-institucionais que determinam o futebol mundial, como o caso da FIFA determinar a participação de Israel e Turquia em competições europeias de futebol.

A respeito de o futebol ser uma manifestação esportiva e cultural, simultaneamente, é necessário ratificar também o forte potencial de construção de identidades nacionais canalizado historicamente pelo esporte aqui estudado. Tal situação é bastante comum durante a realização da Copa do Mundo, evento no qual cada país entra em campo considerando esse ponto de vista.

## **2- Futebol, capitalismo, espacialidades e temporalidades**

Explorando o futebol como manifestação cultural e esportiva difundida no Brasil devido à ligação com a Inglaterra no final do século XIX, em meio às redes de comércio e de dominação econômica, observamos tal fenômeno embutido à uma ordem espaço-temporal que merece atenção. Para tal, a Geografia Histórica nos fornece um vasto arcabouço teórico-metodológico, a fim de que possamos sustentar a espaço-temporalidade do futebol na pesquisa geográfica.

De acordo com Erthal (2003), esse campo nos propõe o entendimento de que os fenômenos sociais são responsáveis pela construção do espaço geográfico por meio de suas inserções temporais. Desse modo, se encontra em jogo o que o autor chama de “espacialidades pretéritas” (p. 30), o que podemos entender como as múltiplas formas do espaço geográfico de acordo com a sucessão temporal que o provoca alterações. Rodrigues (2021) reforça afirmando que o tempo e o espaço se inserem conceitualmente na Geografia, no tocante à produção da ação social. Tais questões nos rememoram o curso do futebol entremeado nos processos industriais e comerciais ocorrentes no espaço brasileiro durante o início do século XX.

Embora seja corriqueiro o fato de nos utilizarmos do presente para cumprir o exercício da investigação geográfica, se faz necessário entender a construção das espacialidades. Para tal, o tempo é um elemento fundamental no que tange a construção e a sistematização do entendimento do espaço geográfico. Nesse sentido, Abreu (2000) põe em jogo a questão dos

“espaços do passado” como lacuna na pesquisa geográfica. Por essa via, o presente pode ser considerado um elemento norteador para a pesquisa geohistórica, considerando o que o autor denomina enquanto “presente de então” (p. 18). Isso se deve ao fato de que o tempo presente possui heranças do passado em torno da sua construção e, por conseguinte, frações pretéritas as quais podem servir de atestado de épocas remotas.

Seguindo o raciocínio espaço-temporal, Erthal (2003) examina a temporalidade no espaço geográfico através do pensamento marxista. Por essa via, podemos afirmar que o modo de produção capitalista é o motor da construção do tempo nos processos sociais que constroem o espaço. Levando em conta a gênese do capitalismo industrial, sua expansão atrelada ao setor financeiro do final do século XIX à periferia mundial e a difusão do futebol enquanto manifestação simbólica nesse processo, podemos presumir sua indissociabilidade espaço-temporal, inclusive em relação à produção do espaço brasileiro.

O que se entende como gênese do modo de produção capitalista é discutido por Moreira (2019) enquanto “quintos espaços”. Nesse padrão consta o surgimento da indústria moderna na Inglaterra durante o século XVIII, sendo denominado de primeira revolução industrial. Tal processo tutelou o continente europeu enquanto continente hegemônico e teve enquanto ponto de partida a origem dos ramos têxtil e siderúrgico.

No que diz respeito às alterações do espaço geográfico por parte do advento da indústria, considera-se a ferrovia enquanto produto emblemático. Esta se apresentara, inicialmente, enquanto objeto de circulação e transporte de matéria-prima sendo tempos depois responsável pela circulação de pessoas, ganhando maior importância em relação aos rios e as estradas. Nota-se, também, o seu papel na construção da unidade territorial inglesa.

Na condição de “sextos espaços” (MOREIRA, 2019), a Segunda Revolução Industrial diz respeito à internacionalização dos capitais, lançando os capitais para além dos espaços nacionais. Nesse contexto, a eletricidade, a indústria química e a metalurgia são consideradas os elementos principais – todos instalados nos ambientes urbanos. Soma-se a produção industrial, nesse período, a importância da pesquisa científica. A partir daí, observamos uma espécie de unificação vital entre ciência e técnica, o que dá um tom fundamental à Segunda Revolução Industrial.

A respeito da expansão internacional da indústria, ela provém da necessidade de difusão da produção industrial para além dos domínios nacionais. A sofisticação da indústria associada à questão científica reflete a condição dominante dos países imperialistas, no que tange ao nível de acumulação de riquezas na divisão internacional do trabalho. Acrescenta-se a isso, o papel da difusão de ferrovias e da navegação marítima no processo de espoliação imperialista como

forma de as nações hegemônicas europeias praticarem a exploração dos recursos naturais e minerais nos territórios periféricos.

De todo modo, esse processo ilustra a rota de expansão do capitalismo monopolista e financeiro durante esse período. Podemos, assim, identificar a organização do espaço geográfico brasileiro durante o final do século XIX, enquanto periferia capitalista, sendo este processo dinamizado pela espoliação do imperialismo britânico, por outro lado uma espécie de economia central. Em meio à marcha, se encontrou envolvida a difusão do futebol no Brasil enquanto produto simbólico inglês tendo relações estreitas com tal situação econômica da época. Vale ressaltar que a difusão futebolística no território brasileiro ocorreu com êxito nos grandes centros urbanos que recebiam diretamente os capitais ingleses e que também contaram com esforços das populações locais.

A espaço-temporalidade do futebol no capitalismo pode ser considerada a partir do século XIX até o século XX. A respeito dessa fase, esta ocorreu na Inglaterra vitoriana, contemporânea à Revolução Industrial, na condição de futebol moderno enquanto um conjunto de práticas mimetizadas dos anteriores jogos ancestrais - ou daquilo chamado de *folk football* ou futebol primitivo. Este foi desenvolvido na Inglaterra durante a emergência dos esportes no século XIX, dentro de uma situação na qual eram exigidas, regras organizações institucionais, estatutos, aparatos burocráticos, etc (MASCARENHAS, 2001; GIULIANOTTI, 2002; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Desde então, o futebol entrou numa via de popularização pela Inglaterra, deixando de ser um esporte restrito aos estudantes e aos círculos aristocráticos. Isso se deu pelo fato de futebol ser uma atividade esportiva dotada de facilidade para sua prática, o que atraiu uma massa de cidadãos comuns. Sua popularização ocorreu nas cidades industriais inglesas a partir do interesse do público em assistir jogos de futebol durante os dias de folga, visto que a classe operária já começava a garantir o seu tempo livre fora das jornadas de trabalho. Nesse período, o trabalhador inglês passou a se dedicar ao que consideramos enquanto lazer popular e operário nos ambientes urbanos ingleses.

Há a possibilidade de unificar a popularidade do futebol na Inglaterra e o caráter expansionista inglês, no que diz respeito à expansão do capitalismo para o mundo durante o século XIX. Podemos adentrar na questão da exportação do futebol enquanto um produto simbólico cultural inglês concomitante a exportação de capitais para a periferia mundial durante esse período. Nesse sentido, o futebol foi difundido para todas as regiões e países que mantinham relações comerciais com a Inglaterra, sendo colônias britânicas ou não. Este foi o caso da difusão do futebol para outros países do continente europeu, para as Américas, África,

Ásia e Oceania. Desde então, coube também às populações nativas a aceitação e a prática interna do futebol, de acordo com a realidade de cada país que teve o futebol introjetado em seu território, conforme a introdução do futebol no Brasil pelo final do século XIX nos nascentes centros urbanos brasileiros (FRANCO JÚNIOR, 2007; MASCARENHAS, 2014).

### 3- Futebol e escala

Segundo Castro (1995), a escala é um conceito que possui a função metodológica que propõe a aproximação real dos fenômenos desenvolvidos no espaço geográfico e nos apresenta a complexidade que estes possuem. Essa aproximação possui o objetivo de criar uma inseparabilidade entre as dimensões espaciais e o fenômeno em si, fazendo com que a escala seja um problema do entendimento de ambas questões, simultaneamente.

De acordo com Souza (2013), a escala geográfica é utilizada na pesquisa geográfica a fim de buscar entendimento acerca do alcance e da extensão dos fenômenos desenvolvidos e desencadeados no espaço geográfico. Por definição, a escala é dada como medida para a observação dos fenômenos na forma de elemento definidor da medida dos espaços que os envolvem, oferecendo ao geógrafo a possibilidade de alcançá-los.

Acerca da importância de tal conceito na pesquisa geográfica, exercer a análise dos fenômenos é uma maneira de determinar ao espaço geográfico a própria escalaridade destes. Desse modo, há uma grande necessidade de se compreender cada escala e suas formas, pois traçar a inserção de tais fenômenos nos seus espaços inseridos é uma forma de utilizar a escala para percebê-los e entender o seu significado (CASTRO, 1995).

Para observarmos os fenômenos geográficos, a escala se faz presente em quatro subcategorias: local, no que diz respeito à ocorrência destes fenômenos numa limitação ligada ao bairro/cidade; regional, nos limites de uma dada região administrativa/econômica); nacional, dentro de uma extensão referente aos domínios de um Estado-Nação; e global, a respeito de fenômenos que se reproduz em uma amplitude internacional. Sobre a escala global, Santos (2020a) aponta que esta é produto direto do que chamamos de temporalidade imbricada no espaço (conforme discutimos anteriormente), considerando a ligação entre tempo e espaço geográfico.

Podemos considerar as quatro categorias de análise da escala como instrumentos de compreensão do futebol e de seu potencial na condição de prática cultural-esportiva organizada no espaço geográfico em várias dimensões, observando por uma realidade interescalar.



Desse modo, a escala local pode nos auxiliar a compreender a existência de identidades clubísticas relativas que representam bairros ou cidades, tal como por exemplo a ligação que o Argentinos Juniors possui com o bairro de La Paternal, localizado em Buenos Aires. Em se tratando dos times de origem operária, há o mesmo tipo de sentimento em relação Bangu com seu bairro, na Zona Oeste do Rio, ao Juventus de São Paulo com a Mooca; da mesma maneira que o Goytacaz Futebol Clube possui com Campos dos Goytacazes, tal qual o Friburguense Atlético Clube em Nova Friburgo, carregando o gentílico em seu nome.

Já a escala regional é capaz de ilustrar a postura regionalista presente no futebol nordestino, a qual é posta em prática por determinados torcedores que resolveram preferir os ditos “times do eixo” (as grandes equipes do Rio de Janeiro e São Paulo) em detrimento da preferência clubística direcionada às equipes do Nordeste enquanto oposição à hegemonia dos clubes como CR Flamengo, SE Palmeiras e Corinthians (VASCONCELOS, 2011).

Por sua vez, a escala nacional nos oferece ferramentas para compreender o fato de Clubes como o Flamengo, Vasco, Corinthians, Palmeiras e São Paulo possuírem torcidas de amplo alcance no alcance nacional, tendo em vista a relevância dessas instituições na história do nosso futebol. Cabe destacar que o destaque futebolístico e esportivo dessas agremiações é proporcional às receitas financeiras destes, fato que incide sobre a hegemonia dessas equipes no cenário futebolístico nacional.

Por fim, a escala global é capaz de gerar compreensão de que o futebol, no período atual um esporte plenamente globalizado, nos envolvendo em transmissões televisivas de partidas de campeonatos europeus as quais podem ser acompanhados em todas as partes do mundo por meio da tecnologia da informação. Ainda assim, tal escala nos dá a resposta a respeito do caráter global de equipes como Real Madrid, Paris Saint Germain e Manchester City, as quais possuem admiradores espalhados por todas as partes do planeta – como um desdobramento do poderio financeiro e publicitário destas instituições futebolísticas no cenário mundial (GIULIANOTTI, 2002; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Considerando as quatro subcategorias elencadas anteriormente, a autora também contribui para a questão a respeito da “hierarquia dos níveis de análise do espaço social”, o que pode ser identificado por meio de uma intercalação entre dimensões distintas do espaço geográfico produzido pelas relações sociais de produção (CASTRO, 1995, p. 124)

Por questão de ramificações e problemas conceituais, a escala é alvo de ambiguidades no que diz respeito à escala cartográfica e à escala geográfica. Enquanto a primeira é expressa enquanto a delimitação do espaço geográfico em termos matemáticos, a segunda manifesta a

dimensão das relações sociais no espaço geográfico, sendo possível de ambas formas se coadunarem (CASTRO, 1995).

Nesse jogo ambíguo, as problemáticas seguem uma tendência alinhada à questão da maneira que os fenômenos se organizam pelo espaço geográfico. Estes são passíveis de remodelamento no que tange as escalas (cartográficas ou geográficas), tendo em vista que a mudança destas impacta na configuração dimensional do fenômeno.

No que diz respeito à “observação do fenômeno”, Castro (1995, p. 127) atribui à escala a incumbência de descrever a dimensão e o tamanho deste, para além de destacar uma determinada medida do espaço geográfico. Ainda assim, o conceito possui uma carga conceitual para a mensuração dessa relação entre tamanho do espaço-tamanho do fenômeno. Além disso, há a questão da “inseparabilidade entre tamanho e fenômeno”, o que diz respeito ao fato de cada fenômeno possuir sua determinada dimensão, podendo vir a ser entendidos de maneira associada. Tal dimensão é incorporada pela escala, visto que se faz necessário observá-los em sua totalidade. Para tal, a escala é utilizada em prol de uma melhor compreensão do fenômeno em sua completude e, também, em seus fragmentos.

A respeito do engendramento do futebol enquanto fenômeno social no Brasil, podemos ressaltar a prática deste nos círculos operários do início do século XX. Isto, por sua vez, está intimamente atrelado a inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho, no alvorecer do capitalismo industrial tardio durante o final do século XIX e pelo início do século XX. Durante esse período, portanto, os grandes centros urbanos nacionais foram receptores de determinadas estruturas industriais associadas ao capital estrangeiro e da modernidade cultural europeia. Por via dessa noção, o futebol é introduzido no nosso território na condição de esporte cosmopolita, tendo sido apropriado pela classe operária nos círculos industriais das cidades que possuíam algum grau de industrialização (ANTUNES, 1992; MASCARENHAS, 2014).

Entendendo o futebol operário no início do século XX no Brasil como um fenômeno de complexidade ocorrente no território brasileiro, atribui-se a este a escala nacional. Porém, havia suas determinadas particularidades ocorrentes em diferentes pontos do território, de acordo com espaços produtivos ocorrentes em diferentes cidades brasileiras. A partir daí, o surgimento dos times fabris nas diferentes localidades do nosso território se restringia a uma escala local.

Pondo em prática a articulação interescolar nesse processo, podemos perceber que o surgimento de times operários em distintos lugares obedeceu a um processo homogêneo, sendo o futebol operário atrelado ao desenvolvimento do capitalismo industrial no território brasileiro. Podemos perceber nesse fenômeno a existência de tal articulação, o que explica a emergência

dos times das usinas sucroalcooleiras de Campos dos Goytacazes, observada por Santos (2017), inseridos na escala local e articulada com o futebol operário brasileiro de escala nacional.

#### **4- Futebol, espaço e técnica**

Para compreender a maneira na qual o futebol adentrou o território brasileiro no final do século XIX enquanto inovação decorrente das atividades comerciais e produtivas advindas do imperialismo britânico, Santos (2020b, p. 62) apresenta a questão da “configuração territorial” alinhada e condicionada pelas “relações sociais”. Como decorrência, também entra em campo a noção dos “fixos” e dos “fluxos”, sendo os primeiros uma espécie de elementos instalados em determinados lugares e modificados pelas ações dos grupos sociais, sendo estas os fluxos.

Tais elementos fixos que compõe a configuração territorial são considerados os objetos, isto é, criações por meio do fruto do trabalho e da administração humana. Estes podem ser as fábricas, as ferrovias, portos, usinas e etc. Em se tratando da difusão do capitalismo industrial no Brasil pelo final do século XIX, podemos considerar todos esses itens citados enquanto objetos incorporados ao território brasileiro por via do imperialismo britânico.

A respeito das ações que coadunam os objetos no espaço geográfico, Santos (2020b) aponta estas enquanto o comportamento do ser humano, motivado por questões racionais, afetivas, simbólicas e por motivos associados à produção. De certa maneira, podemos conceber essas ações em um plano coletivo (sociais), visto que o indivíduo é um ser inerente à coletividade. Podemos identificar essas ações enquanto a prática do futebol nos círculos operários das grandes cidades brasileiras, se observarmos as fábricas e as ferrovias enquanto objetos. Sobre a temporalidade das técnicas, podemos conceber o advento do capitalismo industrial enquanto o ponto de partida. Isso se torna explícito pelo fato de ter sido nesse período o surgimento das máquinas como motor das transformações históricas e sociais.

Nesse sentido, o “meio técnico” é entendido como o meio no qual o espaço geográfico passa a ser produzido pela ação do trabalho e ditado pelo ritmo das máquinas. Além disso, esse momento condiz com a indústria representando a unidade material emblemática do modo de produção capitalista, tanto em seu desenvolvimento interno na Europa quanto em sua difusão rumo à periferia do sistema no final do século XIX. Sendo assim, podemos afirmar que a exportação do futebol pelas vias inglesas se adequa a esse período.

A respeito da existência desse meio técnico no espaço brasileiro, Santos e Silveira (2012) atribuem-no à existência de objetos técnicos (fábricas, ferrovias, portos, usinas de eletricidade etc) que podem ser considerados enquanto sistemas de engenharia, os quais proporcionaram a mecanização do território brasileiro. Esse período é marcado, de maneira inicial, por uma “manifestação precoce da mecanização” (p. 32) ocorrido durante o período escravocrata no Recôncavo Baiano e na Zona da Mata nordestina e tem como objetos técnicos os engenhos.

Exercendo um salto temporal para o século XIX, Santos e Silveira (2012, p. 33) atribuem aos “portos” e as “ferrovias” a noção de “primeiros sistemas de engenharia” implementados no território brasileiro. Considerando a difusão do futebol no Brasil no final do século XIX e pelos idos do século XX, essas próteses foram objetos espaciais preponderantes para a chegada do esporte supracitado por meio dos trabalhadores ingleses.

Cabe destacar que, inicialmente, esse processo se restringia apenas à um pequeno número de cidades brasileiras, mais precisamente as que possuíam um maior grau de dinamismo econômico e produtivo, no que diz respeito à instalação de infraestruturas. Tal qual Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, que, para além das duas situações, se localizam no litoral brasileiro ou nos limites. Essa situação condiz explicitamente com o fato de a economia brasileira possuir sua feição exógena, isto é, funcional e subordinada ao mercado estrangeiro enquanto resquício do período colonial.

Moreira (2020; 2021), por sua vez, atribui esse período inicial da mecanização do território brasileiro enquanto fase molecular. Bastante simbólica é a observação a respeito da configuração inicial da indústria no Brasil, organizada de forma congênere ao padrão agroexportador, no que diz respeito à inserção econômica territorial.

A mecanização do território brasileiro ganha um maior destaque entre o início do século XX e a década de 40, no momento onde o Brasil adentra à industrialização, que significa o alvorecer da “integração nacional e um início da hegemonia de São Paulo com o crescimento industrial do país e a formação de um esboço de mercado territorial localizado no Centro-Sul” (SANTOS E SILVEIRA, 2012, p. 37).

A respeito da configuração dos objetos postos no espaço geográfico associado às relações sociais, por meio da instalação de determinadas infraestruturas, podemos inserir o futebol nessa discussão se considerarmos os aparatos físicos e materiais construídos nos grandes centros urbanos como os estádios de futebol. Estes podem ser considerados objetos marcados na paisagem urbana que sustentaram o período de popularização do futebol na

Inglaterra do século XIX, fazendo com que o futebol se confirmasse enquanto manifestação cultural e esportiva de massas (MASCARENHAS, 2001).

Tardiamente, no entanto, situação similar ocorreu no Brasil durante a sua popularização, em torno do início do século XX quando as grandes cidades passaram a contar com “gigantes de concreto” erguidos por iniciativa dos clubes de futebol e de governos federais, como forma de atrair as massas populares, enquanto um gesto de propaganda política (MASCARENHAS, 2014).

Durante ao longo da construção do meio técnico, a indústria se tornou a unidade material que melhor representava as relações humanas imbricadas ao mundo do trabalho no capitalismo e seus efeitos no espaço geográfico. Cabe ressaltar, portanto, que o fenômeno do futebol operário possui sua gestação na Inglaterra durante o século XIX, por meio da criação de equipes compostas por trabalhadores fabris, num momento no qual a classe trabalhadora era responsável pela popularização do esporte no seu berço.

No Brasil, acompanhando o ritmo tardio da inserção do nosso país no sistema capitalista, tal fenômeno entra em campo no início do século XX, quando nosso país passa a receber estruturas fabris inglesas, italianas (no caso de algumas fábricas de tecelagem) e de caráter nacional e, por meio de funcionários de algumas unidades industriais, ferroviárias e infraestrutura, a prática futebolística se faz presente nos circuitos operários nacionais no ambiente urbano e industrial em desenvolvimento. Em tal período o nosso território passava por um processo de mecanização: por meio dos portos adentraram ao nosso território não apenas capitais britânicos, mas também um vasto estilo de vida, sendo o futebol um dos símbolos culturais importados da Inglaterra (ANTUNES, 1992; PEREIRA, 2000; FRANCO JÚNIOR, 2007).

Sobre a concentração produtiva e o processo de mecanização território brasileiro, podemos afirmar o seu caráter espacial concentrado na região Centro-Sul, a qual abrigou o engendramento de inúmeras equipes fabris, sendo estas oriundas das fábricas de tecelagem, das companhias de distribuição de eletricidade, das minas de carvão e de empresas extrativistas. A respeito das equipes ferroviárias, houvera um caráter difusionista, no que diz respeito ao surgimento de times compostos por trabalhadores ferroviários e organizados por companhias ferroviárias, o que ilustra o fato de o futebol praticado nestes círculos não ter se concentrado apenas em grandes centros urbanos (BUCHMANN, 2004; STÉDILE, 2011; HOLLANDA e FONTES, 2021).

A respeito dos resultados, a pesquisa em sua amplitude ainda se encontra em estágio de andamento. O presente trabalho é resultado do primeiro capítulo da dissertação, onde foi proposta uma discussão teórica sobre a existência do futebol enquanto manifestação cultural inserida no espaço geográfico.

Dessa maneira, a discussão tem se desenvolvido num eixo onde o futebol se encontra inserido no espaço geográfico com feições sociais, culturais e econômicas, dentro de um curso temporal. Este, portanto, é o panorama encontrado para o desenvolvimento da dissertação a qual originou o presente resumo expandido.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho demonstra a possibilidade de observar o futebol enquanto objeto de estudos da Geografia. Dito isto, é necessário considerar o seu percurso histórico alinhado com a expansão do capitalismo durante o final do século XIX, o seu desenvolvimento na Inglaterra e sua difusão planetária e a maneira que foi introduzido no território brasileiro nos grandes centros urbanos. A partir daí, utilizando os olhares teóricos da Geografia para identificar uma geograficidade do futebol, se torna possível empreender futuros estudos sobre o “esporte das multidões” na ciência geográfica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 5-26, 1998.

\_\_\_\_\_. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), [S. l.], v. 4, n. 1, p. 13-25, 2000. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2000.123400. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123400>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. 190f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BUCHMANN, Ernani. **Quando o futebol andava de trem: memória dos times ferroviários brasileiros**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.



CASTRO, Iná Elias de. et al. (orgs.): **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORREA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. . Economia, cultura e espaço: uma introdução. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z.. (Org.). **Economia, cultura e espaço**. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, v. 1, p. 7-14.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

ERTHAL, Rui. Geografia Histórica – Considerações. **GEOgraphia** - Ano V - No 9 – 2003.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. 433p.

GAFFNEY, Christopher. **Geography of Sport**. In: MAGUIRE, Joseph. (Ed.). *Social Sciences in Sport*. Champaign: Human Kinetics, 2014, p. 109-134.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Campinas: Vozes, 1997

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; FONTES, Paulo. **Futebol & mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2021.

MASCARENHAS, G. A Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova** (Barcelona), Barcelona, v. 3, 1999a.

\_\_\_\_\_. A Geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões** (UNICAMP), Campinas, v. 1/2, p. 46-59, 1999b.

\_\_\_\_\_. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2001. 276 p.

MORAES, A. C. R. **Geografia histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia**. São Paulo: Annablume, 2011.

MOREIRA, Ruy. **Espaço, corpo do tempo**. Rio de Janeiro: Consequência. 2019.

\_\_\_\_\_. **A formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

\_\_\_\_\_. **Sociedade e espaço geográfico no Brasil: constituição e problemas de relação**. São Paulo: Contexto, 2021



PIRES DO RIO, G. A.. Jogo de Espelhos: a dimensão cultural do econômico. In: Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl. (Org.). **Economia, Cultura e Espaço**. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, v. , p. 15-36.

RODRIGUES, G. B.. Geografia Histórica como método. In: Tatiana Tramontani Ramos, Marcelo Werner da Silva, Daniel de Albuquerque Ribeiro. (Org.). **Pesquisas socioespaciais e ambientais: II Seminário de pesquisa do programa de pós graduação em geografia da UFF : campos dos Goytacazes**. 1ed. São Carlos: Cubo, 2021, v. 1, p. 71-88.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SANTOS, Leonardo Soares dos. **Os times de usina de Campos dos Goytacazes/RJ (1917-1980)**. Petróleo, Royalties e Região, volume XV, p. 25-31, 2017.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª edição. São Paulo: Edusp, 2020a

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2020b

SANTOS, Milton; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, M. L. S. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013.

STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística: os torcedores "Mistos" do Nordeste**. 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.